

**ANÁLISE DO IMPACTO DE GRANDES PROJETOS EM
COMUNIDADES:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PSICOLOGIA AMBIENTAL
(Estudo de caso do Complexo de Suape)**

Rosane Gabriele C. de Melo *

RESUMO

O presente trabalho reporta-se a uma investigação empírica realizada sobre o impacto da implantação do Complexo Industrial Portuário de Suape sobre a comunidade suapense. O referencial do trabalho baseia-se em conceitos elaborados no quadro da Psicologia Ambiental, em particular o conceito de "environmental role" (papel ambiental). No entanto, pela própria natureza interdisciplinar das análises, envolvendo estudos de impactos ambientais, adotou-se também uma perspectiva de análise de caráter antropológico e sociológico.

ABSTRACT

The presente article reports an empirical investigation of the impact that the implantation of the "SUAPE INDUSTRIAL PORT COMPLEX" causes on the local community. This Work is based on the concepts of environmental role". An antropologic and a sociologic perspectives are also considered because of the interdisciplinary nature of the subject.

* Bolsita do CNPQ e Mestre em Environmental Psychology pela Universidade de Surrey (Inglaterra). Agradeço aos Profs. Katheleen Vasconcelos e Edmilson Batista, do Departamento de Estatística da UFPE, pela valiosa colaboração na análise dos dados desta pesquisa.

ANÁLISE DO IMPACTO DE GRANDES PROJETOS EM COMUNIDADES: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PSICOLOGIA AMBIENTAL (estudo de caso do Complexo de Suape)

A teoria de "Environmental Role" proposta por Canter (1977) refere-se a padrões de interações desenvolvidos por um indivíduo em um determinado ambiente. Tal padrão pode variar de acordo com o papel social ou organizacional do indivíduo. Uma vez que existem regras que limitam a interação do homem com seu ambiente é esperado que ele construa ao longo do tempo uma conceptualização distinta daqueles que desempenham papéis sociais ou organizacionais diferentes no mesmo ambiente (Canter e Comber, 1985). Notou-se que a forma como o ambiente é utilizado pelo indivíduo para atingir seus objetivos é bastante consistente, bem como, o objetivo central que caracteriza o padrão de interação do indivíduo com algum ambiente varia de ambiente para ambiente (Kenny e Canter, 1981; Canter e Rees, 1982; Canter, 1983). Sendo assim, se espera que dois indivíduos com papéis sociais diferentes experienciem o mesmo ambiente de forma distinta e o mesmo indivíduo experience diferentes ambientes de forma também distintas.

Inúmeras pesquisas já realizadas corroboram a teoria de "Environmental Role". Dentre elas podemos citar o estudo de Canter e Rees (1982), onde se analisou as avaliações das donas de casa e dos seus respectivos maridos a respeito de suas residências. Os resultados demonstraram claramente que ambos os grupos basearam suas avaliações em diferentes grupos de critérios. Outro estudo sobre conceptualização de diferentes estilos de arquitetura (moderna e pós-moderna) mostraram que ao contrário dos arquitetos, os auditores não fizeram distinção entre os dois estilos acima descritos (Canter e Groat, 1979; Groat, 1982). Em outro estudo, semelhante diferença foi encontrada na avaliação feita por um grupo de arquitetos e um de não-arquitetos com relação a diferentes estilos de arquitetura residencial (Devlin e Nasar, 1989). Paralelamente, diferenças foram encontradas não apenas entre um grupo de Brasileiros e outros de Ingleses, como também entre os subgrupos de mulheres com filhos e outro sem filhos com relação à sua conceptualização sobre o volume de habitações (casas, edifícios de até 4 andares e arranha céus) (Melo, 1987). Tais resultados corroboram as hipóteses de que povos de diferentes culturas, com estruturas sociais diferentes, bem como grupos de papéis sociais distintos, baseiam suas avaliações em diferentes grupos de critérios.

Partindo-se do pressuposto de que o padrão de interação do homem com seu ambiente vai variar de acordo com o papel social ou organizacional que ele desempenha naquele ambiente, espera-se que no exercicio de suas funções diferenças sejam encontradas com relação às suas avaliações do ambiente à sua volta.

1 - OBJETIVOS:

Este trabalho se propõe a investigar o impacto do Complexo de Suape sobre a ótica da Psicologia Ambiental, ou seja, à luz da teoria de "Environmental Role"

(Canter, 1977), no qual se afirma que indivíduos que desempenham diferentes atividades num meio social, tendem a avaliar o mesmo ambiente de forma diferente. Paralelamente, serão investigadas a extensão das mudanças nos modos de vida e estrutura da população suapense, em geral e, em particular, de um grupo de pescadores e de donas de casa após a implantação do Complexo, de Suape. Será também analisada a intensidade do impacto em algumas das áreas de interesse, além disso, as suposições levantadas pelos estudos da PECCIPS (Projeto Ecológico e Cultural do Complexo Industrial-Portuário de Suape) serão confrontadas com a situação atual.

2 - POPULAÇÃO

Foram utilizados dois grupos diferenciados pelo seu "Environmental Role", ou seja, 30 donas de casa e 24 pescadores, sendo que estas atividades teriam que ser uma constante nas vidas desses indivíduos, para evitar a formação de outro grupo de "environmental role". Partiu-se do pressuposto de que a avaliação do indivíduo sobre um determinado lugar está baseado no grau em que esse lugar facilita ou dificulta o alcance dos seus objetivos (Canter, 1977).

Todos os 54 indivíduos eram nativos ou residentes em Suape desde crianças, uma vez que um dos objetivos era comparar as suas percepções antes e depois da construção do Complexo. Suas idades variam de 33 a 65 anos.

Vale salientar que a escolha das donas de casa se deu aleatoriamente e que os 24 pescadores constituem o universo total daqueles que possuíam as características exigidas para fazer parte da presente pesquisa.

3 - METODOLOGIA

Para o levantamento dos dados, foram utilizados questionários abertos, semi-estruturados e estruturados, além de pesquisa domiciliar, observações diretas e entrevistas. O primeiro questionário se refere ao levantamento do quadro familiar dos entrevistados. O segundo e terceiro questionários, elaborados para avaliar o impacto do Complexo de Suape sobre a comunidade suapense, possui natureza diversificada, dando oportunidade aos suapenses de relatarem suas experiências, expectativas e pontos de vista a respeito dos vários tópicos. Baseado nesses dados, foi possível fazer o levantamento do impacto sócio-econômico e psicológico das comunidades afetadas, através do confronto das informações fornecidas "antes" e "depois" da implantação do Complexo de Suape.

O quarto questionário referiu-se à avaliação da intensidade do impacto causado pelo Complexo. Para tal, utilizou-se uma escala (5.), onde a intensidade poderia variar de (1) muito para (5) diminuiu/piorou.

4 - DESCRIÇÃO DO LOCAL

O Completo Industrial-Portuário de Suape fica localizado, geograficamente, no litoral pernambucano, a 45 km do Recife. A área destinada à implantação do Com-

plexo situa-se entre algumas das mais belas e turísticas praias do litoral, mais especificamente entre o Cabo de Santo Agostinho e o Pontal do Cupe.

O espaço delegado ao Complexo compreende uma área de 13.000 hectares (Relatório da Administração - 1983-1987). Tais terras abrangem o Município de Ipojuca e o do Cabo, sendo o primeiro pertencente à Região Metropolitana do Recife e o segundo à região da Mata Úmida. Estão incluídos dentro deste espaço, extensas áreas de mangues, restingas, praias e planícies fluviais (rios: Merepe, Ipojuca, Massangana e Tatuoca) que se estendem além dos limites da área destinada ao Complexo (Cavalcanti et al, 1979). Além de canaviais e alguns resíduos de mata e pequenos sítios.

Tomando como base os estudos da TRANSCON, o Complexo de Suape foi idealizado para conter um "terminal marítimo de águas profundas, capaz de receber navios de grande calado. Um distrito industrial concebido especialmente para comportar unidades fabris com sua produção voltada para o mercado externo, locação de pólos industriais de fertilizantes, indústrias sucro-química e mecânica-metalúrgica. Tal Complexo contará ainda com um centro de reparos navais de super graneleiros, super petroleiros e porto containers" (DP, 26/04/74). Além de uma laminadora de aço, refinaria de petróleo, um terminal pesqueiro, etc. (O Complexo Industrial-portuário de Suape, 1977).

No entanto, além do porto, encontram-se atualmente instalados e em funcionamento na área do Complexo apenas as seguintes indústrias: Parque de Tancagem de Granéis Líquidos transferido do Porto do Recife; DIAMAR - fábrica embarcações de fibra de vidro; TEQUIMAR (TERMINAL QUÍMICO DE ARATU); PETROBRÁS DISTRIBUIDORA S/A; ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO; TEXACO BRASIL; SHELL BRASIL; BRASIL GÁS; NOVOGÁS; NORGÁS, CTN - CENTRAIS DE TERMINAIS DO NORDESTE; CONCRETO REDIMIX S/A; IPOJUCAS ELETROMETALÚRGICA S/A (Unidade Metalúrgica de Chumbo, associada à fábrica de Baterias); CESA - CERÂMICA SANTO ANTÔNIO; MOURA EXPORT S/A; POSTO ESSO TRANSBET e POSTO ZIP (Suape - Complexo Industrial-portuário - Investimentos Privados em Suape, 1990).

4.1. - DESCRIÇÃO DA VILA DE SUAPE

A vila de Suape é composta de uma população de aproximadamente 899 habitantes, contendo uma média de 247 casas (estimativa levantada em junho de 1988). A vila de Suape é cortada por uma rua principal, sendo que as terras do lado direito, de quem entra em direção ao mar, pertencem à família de Inês Portela de Lemos. Atualmente, parte das terras da família Portela de Lemos, mais precisamente a área localizada à beira-mar foi vendida e, no local, o grupo Caesar Park pretende construir um hotel cinco estrelas. Grande parte da população de pescadores que em suas terras residiam foi deslocada para casas que lhes foram destinadas em área alagada situada mais para o interior de Suape, próximo à vila. Tal mudança foi resistida por alguns pescadores e por alguns veranistas que também possuíam casas na beira-mar. Já para outros, ela foi bem aceita, pois a casa ofe-

recida estava em melhores condições do que a que eles possuíam. Por outro lado, as terras do lado esquerdo da rua principal são de propriedade do governo, e talvez por uma questão de nomenclatura, elas são chamadas pelos seus ocupantes de terras de Nazaré. As mesmas ficam do lado da vila de Nazaré, que, também, pertence ao governo, porém sem nenhuma ligação física aparente.

5 - AVALIAÇÃO DO IMPACTO

Inicialmente, serão apresentadas as conclusões parciais referentes às mudanças ocorridas em virtude da implantação do Complexo de Suape. Em seguida, estas mudanças são confrontadas com o que estava previsto no Programa Ecológico e Cultural do Complexo Industrial-Portuário de Suape (PECCIPS). Por fim, serão discutidas as conclusões sobre a hipótese relativa à teoria de "environmental role".

Com base na literatura da Psicologia Ambiental, pode-se argumentar que qualquer empreendimento que resulte numa mudança no ambiente físico (incluindo tanto o ambiente natural como o construído), por menor que seja, afetará de alguma forma o comportamento humano, independentemente se essa mudança venha a ser positiva ou negativa.

O homem e o meio ambiente estão intimamente interligados. Se um dos elementos dessa estrutura for afetado, os demais elementos sofrerão suas consequências. Em caso da implantação do Complexo Industrial-portuário de Suape, a área afetada não se restringe apenas à terra, mas também ao mar. Dessa forma, qualquer estudo de impacto ambiental num complexo dessa natureza, deve se levar em consideração tanto as interferências dos aspectos terrestres, como as do marítimo, na vida das populações locais.

Tendo em vista que a população estudada reside numa bafa, onde há concentração de pescadores, o aumento progressivo da procura de outras profissões, observado na tabela 1, revela a ansia dessa população em conseguir uma atividade mais rentável e/ou segura do que a de pescador. Esse comportamento indica que a pesca deve ter sofrido algum prejuízo com a construção do Complexo. A principal razão para a piora, foi atribuída, pelos pescadores, ao fechamento do Rio Ipojuca, que se localiza depois do Porto, razão pela qual causou uma grande diminuição da pesca. O rio é muito rico em fauna e com a construção do Porto, tanto ficou difícil a travessia das embarcações para o lado de lá, como também impediu a travessia dos peixes para o lado do Porto.

Essa mudança no ambiente se refletiu no orçamento do pescador e levou-os a uma mudança no comportamento, pois passaram a ter que pescar em alto-mar, aumentando assim a concorrência entre eles, ou ao abandono da profissão. Muitos desses não têm barco a motor nem condições de comprá-lo, por isso têm que arrendá-lo, o que implica em pagar ao dono do barco.

TABELA 1 - Número de Membros das Famílias dos Pescadores e Donas de Casa Conforme a Ocupação Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

OCUPAÇÃO	PESCADORES		DONAS DE CASA	
	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS
PESCADOR	38	43	25	15
COMERCIANTE	2	1	14	14
OUTRA OCUPAÇÃO	2	11	7	27

Foram encontradas diferenças na renda familiar dos dois grupos estudados - pescadores e donas de casa. Enquanto a renda familiar dos pescadores tendeu a uma diminuição ao longo desses anos, a das donas de casa apresentou melhora. Esses dados podem ser observados na tabela 2 e confirmadas na Tabela 3. Tal fato pode ser explicado em parte, pela origem da fonte dessas rendas, pois enquanto a renda familiar dos pescadores provém, quase que exclusivamente, da pesca (renda incerta), a das donas de casa provém do salário (renda fixa) e do bi-

TABELA 2 - Distribuição Percentual dos Pescadores e das Donas de Casa Conforme a Renda Familiar Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

RENDA FAMILIAR	PESCADORES		DONAS DE CASA	
	ANTES %	DEPOIS %	ANTES %	DEPOIS %
MENOS/SAL. MÍN.	-	25,0	20,0	13,33
SALÁRIO MÍNIMO	25,0	21,0	33,3	33,33
MAIS/SAL. MÍN.	75,0	54,0	47,0	53,33

TABELA 3 - Distribuição Percentual dos Pescadores e das Donas de Casa Conforme a Renda dos Pescadores Dessas Famílias Antes e Depois do Complexo de Suape.

RENDA DE PESCADOR	PESCADORES		DONAS DE CASA	
	ANTES %	DEPOIS %	ANTES %	DEPOIS %
MENOS/SAL. MÍN.	4,2	33,3	30,0	13,3
SALÁRIO MÍNIMO	25,0	38,0	20,0	17,0
MAIS/SAL. MÍN.	70,8	29,0	17,0	7,00
NÃO SE APLICA	-	-	33,3	63,3

co. Ou seja, grande número dos membros das famílias das donas de casa é assalariado. Tal diferença pode dar margem a outro tipo de interpretação, ou seja, a de que essa melhora pode não estar associada diretamente à implantação do Complexo, mas ao fato de, no caso das donas de casa, haver mais gente na família contribuindo para a renda familiar. Enquanto, no caso dos pescadores, observou-se que os filhos dos pescadores tendem a seguir a mesma profissão dos pais,

seja ela rentável ou não. Ou seja, nesse caso, a contribuição da maioria dos filhos é dada com a sua ajuda na pesca e não com salário independente. Paralelamente, constatou-se que houve aumento no número de pessoas residindo na mesma casa em ambos os grupos. O número total de moradores nas residências dos pescadores passou de 152 para 176 pessoas, uma média de 6,33 para 7,33 pessoas por residência. Nas residências das donas de casa, passou de 166 para 169, em média de 5,53 para 5,63 pessoas por domicílio (ver Tabela 4).

Para avaliação do impacto da implantação do Complexo de Suape sobre a comunidade de pescadores e donas de casa, foram obtidos dados sobre a infra-estrutura, religião, rotina, cultura, rede de relações sociais, cultura de subsistência/fonte de renda, poluição, saúde, turismo, criminalidade, especulação imobiliária, fatores psicológicos, informações gerais sobre o Complexo de Suape, bem como informações referentes à ZPE e à Refinaria de Petróleo.

TABELA 4 - Percentagens dos Pescadores e das Donas de Casa Conforme o Tamanho do Grupo Familiar Antes e Depois do Complexo de Suape.

Nº DE PESSOAS NA FAMÍLIA	PESCADORES (%)		DONAS DE CASA (%)	
	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS
1 a 5	45,83	29,17	53,33	46,67
6 a 10	50,00	50,00	46,67	53,33
MAIS DE 10	4,17	20,83	-	-
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00

Esse estudo foi baseado em questões descritivas, questões informativas e questões perceptivas. Estas últimas ensejaram a comparação entre a percepção que o grupo de pescadores (n=24) e de donas de casa (n=30) tinham a respeito do impacto causado pela implantação do Complexo Industrial-Portuário de Suape. Portanto, podem ser analisadas em conjunto as questões sobre a intensidade do impacto para obtenção de melhores conclusões.

As questões descritivas permitiram que fosse analisada a situação dos entrevistados (n=54) antes e depois da implantação do Complexo de Suape, enquanto as informações sobre a implantação do Complexo, incluindo-se aí a possível vinda de uma Refinaria e/ou ZPE, foram obtidas através das questões informativas.

Com o intuito de compararmos a qualidade de vida dos entrevistados antes e depois da construção do Complexo foram feitas análises descritivas e aplicados os seguintes testes de significância de trocas: o de Mc Nemar para duas classificações e Stuart-Maxwell para três classificações. Um nível de significância de 5% foi estabelecido para todos os testes de hipóteses.

Por outro lado, para analisarmos a forma como os pescadores e as donas de casa percebiam as várias situações, antes da implantação do Complexo Industrial-Portuário de Suape e após a mesma, foram feitas, além da análise descritiva, alguns testes de hipóteses. Testes de Mc Nemar e Stuart-Maxwell foram aplicados

para a hipótese de que os entrevistados tinham as mesmas possibilidades de percepção antes e depois. Comparações entre pescadores e donas de casa foram feitas pelos testes de Igualdade de Distribuição de Probabilidades, Chi-Quadrado e Fisher.

5.1. - IMPACTO DO COMPLEXO DE SUAPE (antes x depois)

Uma das mudanças ocorridas após a implantação do Complexo se refere à infra-estrutura, tanto das residências dos grupos entrevistados como da vila de Suape de um modo geral. Essas mudanças foram consideradas positivas, dado o grau de melhora observado entre os períodos anterior e posterior à implantação do Complexo. No entanto, algumas dessas melhoras podem não estar relacionadas diretamente com a implantação do Complexo, e sim com o desenvolvimento natural de uma localidade que pode ter sido acelerado pela urbanização provocada pela implantação do Complexo. Pois, como sabemos, a Empresa não dispunha de recursos para contribuir com nenhum melhoramento para a vila de Suape (Entrevista com Dr. Jatobá). A vila de Suape dispõe atualmente de posto telefônico, melhora no atendimento médico, que passou a ser assistido não apenas pelo clínico e dentista, mas também por um ginecologista e pediatra. Apesar de ter diminuído o número de escolas, o grupo escolar (Escola Municipal de Rui Barbosa) passou a oferecer ensino até a 8ª série do 1º grau. Houve, também, aumento no número de bares e mercearias que poderia ter sido estimulado pelo maior número de visitantes e curiosos na área em decorrência da divulgação do Complexo. Afora essas melhoras, a vila dispõe atualmente, de uma sede da Associação de Moradores, servindo também como centro de lazer. As reuniões da Associação se processavam anteriormente na Igreja Presbiteriana ou na casa de alguns de seus componentes. A diferença encontrada entre antes e depois é no que se refere ao conhecimento da sua existência e participação da população nos encontros. Observou-se que a Associação dos Moradores ficou mais conhecida e ganhou um maior número de participantes com a construção do Complexo. Esta constatação pode estar vinculada a um sentimento de ameaça percebido pelos moradores com a construção, levando-os à necessidade de se reunirem para discutir os problemas que os afligem, tanto no que se refere às suas vidas pessoais, como à situação da vila em geral.

Alguns desses casos podem estar associados ao aumento na oferta de ônibus à Suape, o que por sua vez pode estar associado ao asfaltamento da estrada que liga a PE-90 à praia de Gaibu, conhecida como PE-28. Esse, no entanto, poderia ter sido facilitado pela implantação da infra-estrutura do Complexo, ou pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo, instituído pelo governo da época para estimular o turismo na região ou, até mesmo, pela associação dos dois, uma vez que a estrada asfaltada dá acesso às várias praias do litoral pernambucano. Esse aumento na oferta de transporte contribuiu, também, para o aumento do intercâmbio dos suapenses com outras vilas ou cidades, facilitando também a vinda de visitantes, que antes, talvez devido à escassez de transporte, não havia ainda tido oportunidade de conhecer a praia de Suape.

Quanto à vigilância policial da vila que ficava a cargo de um comissário que passava toda a semana na vila, passou para o controle da polícia do Cabo, que alugou uma casa, e, vez por outra, mandava um policial para lá. As denúncias e queixas tinham e continuam tendo que ser registrada na Delegacia do Cabo. A partir de meados de 1990, passou a existir um policiamento mais constante no local, no entanto, segundo os suapenses, tal policiamento está a serviço do dono do terreno, onde irá ser construído um hotel 5 estrelas e não a serviço da população suapense.

No que se refere às condições de habitação dos moradores de Suape, de antes e depois da implantação do Complexo, também foram constatadas algumas melhoras sem que, contudo, seja possível determinar alguma ligação mais direta com a vinda do Complexo. Apesar de a maioria alegar que mora em casa própria, em terreno do governo ou cedido, constatou-se uma melhora significativa no material utilizado na construção dessas casas. A maioria das casas é de alvenaria, ou seja, dos 42 entrevistados que residiam em casas de taipa ou palha, 24 passaram a residir em casas de alvenaria. A forma como os tijolos e cimento foram adquiridos para a construção de suas casas, não foi questionada na presente pesquisa. Sabe-se, no entanto, que muitos suapenses trabalharam na construção da infra-estrutura do Complexo de Suape, e talvez tenha sido nessa ocasião, pela oferta de material desse tipo existente, que alguns deles tenham conseguido o material necessário para reforma de suas casas. A ocupação dos quintais das casas por famílias pode evidenciar falta de terras para expansão urbana ou ainda a necessidade de compartilhar áreas que são consideradas comuns, como: banheiro, cozinha e sala de visita. A queda do número de domicílios sem nenhuma instalação sanitária de antes para depois da implantação do Complexo também evidencia a melhora nas instalações sanitárias das habitações de Suape. A maioria das casas possui banheiro da Sucam, constituído apenas de um vaso sanitário fora da casa. No entanto, o tratamento de esgoto ou é inexistente ou é do tipo "fossa aberta", onde os dejetos são depositados em buracos. Todas as casas possuem atualmente luz elétrica. A maioria é obtida clandestinamente.

É com surpresa que observamos que, apesar da existência de duas barragens, a Utinga de Baixo e a Bita dentro da área destinada ao Complexo, fornecendo água tratada para as indústrias do Complexo e até para as cidades do Recife e do Cabo (Suape: Um Novo Marco na História de Pernambuco, 1983/86), a vila de Suape não tenha sido contemplada com o uso dessa água, sendo utilizada água não tratada de poços e cacimbas fora de casa. Por outro lado, o gás de cozinha que, antes era conseguido com muito esforço pelos suapenses, agora chega até a sua porta. Isso foi facilitado pela implantação das indústrias de engarrafamento de gás de cozinha no Complexo de Suape.

No que tange à religião, não se observou mudanças significativas, a grande maioria se diz católico. Houve um ligeiro aumento no número de protestantes. Surgiu no período de construção da infra-estrutura do Complexo, uma nova igreja, a Igreja Cristã do Brasil.

No que se refere à rede de relações sociais, constatou-se que houve um aumento no número de pessoas que passaram a residir fora de Suape, e não que

vão para Suape como imigrantes à procura de trabalho no Complexo, como era de se esperar (ver Tabela 5). Foram várias as razões apontadas pelos suspenses. Dentre elas, podemos destacar a procura de pescadores por outras praias, onde as condições da pesca estivessem melhores, além da procura de empregos em outras cidades. Por outro lado, as razões levantadas para explicar a não imigração, como se cogitou nos trabalhos da PECCIPS, se deve ao fato da não consolidação absoluta do Complexo e, principalmente, pelo fato de as indústrias instaladas no Complexo fornecerem conduções para o deslocamento de seus empregados.

TABELA 5 - Número de Entrevistados Conforme o Local de Moradia do Resto da Família

antes \ depois	SUAPE	OUTRA VILA OU AMBAS	total
SUAPE	20	12	32
OUTRA VILA OU AMBAS	3	19	22
total	23	31	54

A unidade de vizinhança da maioria dos suapenses não variou muito entre antes e depois do Complexo. No entanto, com a compra de um grande lote de terra pelo grupo Caesar Park para construção de um hotel, a paisagem natural da vila dos pescadores foi transformada. Todos os pescadores que habitavam à beira-mar até o pontal foram deslocados para casas construídas por eles em terreno alagado, localizados mais para o interior de Suape, junto à vila. Não se sabe se a relocação dos pescadores obedeceu a algum critério, ou se ela se sucedeu aleatoriamente. O primeiro caso demonstra uma preocupação por parte do grupo Caesar Park de conservar a mesma unidade de vizinhança desses moradores, tornando menos doloroso o deslocamento daqueles que se mostravam cético/resistente com essa mudança. No segundo, esse tipo de preocupação não existiu. Poderia se argumentar que tal mudança seja fruto da implantação do Complexo, se considerarmos que o aumento na especulação imobiliária em Suape se deu após a implantação do mesmo, pois, sabemos que o "boom" da especulação imobiliária das praias vizinhas a Suape ocorreu por volta de 1975, e que essa, por sua vez, não atingiu à praia de Suape (Motta, 1978).

Constatou-se uma diminuição significativa do número de pescadores (ver Tabela 6) que pode ser fruto das dificuldades encontradas na pesca com o fechamento do Rio Ipojuca, rio considerado pelos pescadores como rico em fauna, e as escavações do Rio Massangana, que margeia a Bafa de Suape. A embarcação mais utilizada ainda é a jangada. Observou-se uma ligeira queda na sua utilização, o que pode demonstrar que essa embarcação está se tornando obsoleta ou não está atendendo mais às necessidades dos pescadores, uma vez que a pesca na baía ficou prejudicada com o porto e a pesca em alto-mar só é possível com os barcos a motor.

TABELA 6 - Número de Entrevistados Conforme a Existência de Pescadores do Mar em sua Casa Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	ALGUÉM PESCA	NINGUÉM PESCA	total
ALGUÉM PESCA	33	8	41
NINGUÉM PESCA	1	12	13
total	34	20	54

A maioria dos pescadores entrevistados vendia e/ou consumia o seu produto no período pré-implantação. Foi observado uma queda significativa nesse número, onde alguns desses passaram apenas a consumir (possivelmente por pescarem uma quantidade insuficiente para venda), enquanto outros simplesmente abandonaram a profissão de pescador. A forma mais comum de comercialização do produto da pesca, foi e continua sendo, vender para o atravessador. Outras formas utilizadas em menor escala é vender nas praias e em feiras livres do Cabo, Prazeres, etc.

A poluição na praia/mar é um fato. Observou-se, no entanto, que ela sempre foi bem mais acentuada no período de inverno, quando a água fica mais amarelada e os cascalhos e folhas secas ficam depositados na areia da praia. Afora esses detritos, que a rigor não são considerados poluição, foram citados a presença de lixo, óleo e piche. Esses dois últimos devem ser provenientes das lavagens dos barcos de pesca. Esses resíduos parecem ter sofrido um aumento considerável no período pós-implantação do Complexo, conforme está indicado na Tabela 7. Os princi-

TABELA 7 - Distribuição dos Entrevistados Conforme a Percepção de Sujeira no Mar Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape

depois \ antes	PERCEBEU SUJEIRA	NÃO PERCEBEU	total
PERCEBEU SUJ.	16	2	18
NÃO PERCEBEU	18	18	36
total	34	20	54

pais fatores citados, como sendo responsáveis por essa acentuação, foram: o aumento do fluxo de visitantes no local, resultando num maior acúmulo de lixo, a morte de alguns mangues por asfixia, acarretando o apodrecimento de sua vegetação que é levada pela correnteza e depositada na praia de Suape e, por fim, o aumento significativo da presença de óleo e piche que deve estar relacionado com as lavagens dos navios que atracam no porto de Suape. Outro fator que tem contribuído para essa poluição é o efeito da erosão na Bafa de Suape, causada pelo

fechamento do Rio Ipojuca e escavações do Rio Massangana. Tal erosão tem deixado seus vestígios com as derrubadas de coqueiros e casas. Vale a pena notar que, apesar de muita gente não se sentir incomodada com a presença desses detritos, antes da implantação do Complexo, ela incomodava a maior número de donas de casa e atualmente ela incomoda mais a um maior número de pescadores. Esses resultados podem estar relacionados com o fato de que, no período anterior à implantação do Complexo, existia maior número de donas de casa que utilizava a praia como fonte de lazer do que agora, o que pode ser explicado pela idade média do grupo entrevistado. Pressupõe-se que a utilização da praia como fonte de lazer está muito ligada às classes de idade dessa população.

Não existe diferença significativa entre as fases relativas a antes e depois da implantação do Complexo, no que tange à poluição sonora. Foi mencionado apenas, por algumas donas de casa, a existência de brigas de bêbados e, mais recentemente, o apito dos navios. Se considerarmos **barulho** um **"som não desejado"**, poderemos concluir que a poluição sonora, nesse caso, é inexistente, uma vez que esses sons não chegam a incomodar as pessoas.

Observou-se uma diferença significativa na percepção de mau-cheiro entre o período anterior e posterior à implantação do Complexo de Suape (ver Tabela 8). Os

TABELA 8 - Número de entrevistados Conforme a Percepção de Mau Cheiro Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	PERCEBE MAU CHEIRO	NÃO PERCEBEU	total
PERCEBEU MAU CHEIRO	2	2	4
NÃO PERCEBEU	13	37	50
total	15	39	54

maus cheiros eram provenientes de fezes e lixos. Atualmente somam-se a esses o cheiro de óleo e de gás provenientes do porto. Esse cheiro chega à Suape quando o vento favorece, atingindo principalmente a população que reside mais próxima ao pontal de Suape e, segundo alguns suapenses, chega em alguns casos até a provocar dor de cabeça, tonturas e mal-estar.

O fluxo de visitantes em Suape, depois da implantação do Complexo, aumentou consideravelmente, na percepção dos suapenses (ver Tabela 9). Apesar da maioria dos suapenses não lucrar com a vinda dos visitantes, os lucros dos demais vêm da venda de produtos, aluguel de suas casas à beira-mar (antes deles serem deslocados para outra área), e, menos freqüentemente, com o aluguel de seus barcos para passeio. Por outro lado, algumas donas de casa lucram oferecendo seus serviços domésticos aos veranistas.

TABELA 9 - Distribuição dos Entrevistados conforme a Percepção da vinda de Muitos Visitantes Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape

antes \ depois	PERCEBIA	NÃO PERCEBIA	total
PERCEBIA	26	2	28
NÃO PERCEBIA	25	1	26
total	51	3	54

Os visitantes parecem ser bem recebidos pelos suapense em geral, que alegam que eles dão vida e animam a vila. Não existe em Suape, no entanto, uma infra-estrutura para comportar esse fluxo de visitantes e turistas de outros estados. Vale salientar que, apesar desse aumento no fluxo de visitantes, Suape ainda é uma vila pacata, com características rurais, não tendo sofrido ainda a invasão urbana acentuada como as praias vizinhas, Gaibu e Porto de Galinha. Com a construção do hotel pelo grupo Caesar Park, é provável que esse quadro venha a mudar. Resta saber se para melhor ou pior. A falta de hotéis e albergues em Suape deve ter contribuído, de alguma forma, para o aumento da prática de acampar. Esse aumento pode ser proporcional ao aumento no fluxo de visitantes na área.

Na visão dos suapenses, houve aumento significativo da especulação imobiliária na região que, possivelmente, é fruto da implantação do Complexo Industrial-Portuário de Suape. Um dos fatores que deve ter contribuído bastante para a mudança de percepção dos suapenses, foi a aquisição de um grande lote de terra para construção de um hotel cinco estrelas, pelo grupo Caesar Park. Paralelamente, houve aumento significativo na procura de casas para veraneio em Suape. Segundo os suapenses, Suape ficou mais conhecida depois da construção do Complexo (ver Tabelas 10 e 11).

TABELA 10 - Distribuição dos Entrevistados Conforme a Percepção de Muitos Compradores de Terra ou Casas em Suape Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	PERCEBEU	NÃO PERCEBEU	total
PERCEBEU	18	5	23
NÃO PERCEBEU	21	10	31
total	39	15	54

No que tange aos fatores psicológicos, não foi constatado nenhuma diferença significativa entre os dois períodos estudados, quanto ao receio de serem obrigados a deixar Suape. Isto pode indicar que os suapenses não sofreram nenhuma

TABELA 11 - Distribuição dos Entrevistados Conforme a Percepção de Procura de Casas de Veraneio para Alugar em Suape, Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	HAVIA PROCURA	NÃO HAVIA PROCURA	total
HAVIA PROCURA	31	2	33
NÃO HAVIA PROC.	32	-	21
total	52	2	54

pressão desse tipo por parte do governo. Entretanto, enquanto diminuiu o número de donas de casa que sentiam algum receio de serem expulsas de Suape, aumentou o número de pescadores na fase pós-implantação. Tal fato pode ser explicado pelas pressões sofridas pelos pescadores para que se retirassem das terras que teriam sido adquiridas pelo grupo Caesar Park para construção do hotel e, posteriormente, pela insegurança de moradia causada pela falta das escrituras das casas para onde foram deslocados.

A grande maioria não apresentou nenhuma razão que a levaria a sair de Suape por conta própria. Note-se, no entanto, que o motivo mencionado por vários dos que se disseram receosos de serem expulsos de Suape, estava relacionado com o fato de eles não terem para onde ir. Tal receio, por sua vez, pode inviabilizar, conseqüentemente, a mais remota vontade de sair de Suape. Dessa forma, tal idéia não podia nem ser cogitada. Entretanto, os que gostariam de sair de Suape alegaram, entre outras coisas, a procura de emprego, a procura de um lugar mais desenvolvido ou as dificuldades com a pesca.

Observou-se que as expectativas da grande maioria dos suapenses com relação à Chegada do Complexo não se concretizaram. Ou seja, a maioria deles, já pelo que ouvia falar dos próprios técnicos e funcionários da Empresa Suape, esperava que tantos eles quanto os seus filhos fossem conseguir emprego no complexo e que suas vidas iriam melhorar, que Suape fosse se desenvolver, etc. Ou seja, eles tinham uma visão bem otimista do Complexo antes de ele ser construído. Suas opiniões mudaram após a construção do mesmo (ver Tabela 12).

TABELA 12 - Distribuição do total dos Entrevistados Conforme a Expectativa de Melhora de Vida Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	SIM	NÃO	total
SIM	14	25	39
NÃO	2	12	14
total	16	37	53 *

*** Houve uma abstenção**

Da mesma forma, o número de sujeitos que alegou que suas vidas pioraria com a chegada do Complexo aumentou significativamente depois da construção do mesmo (ver Tabela 13). Muitos acreditavam que em nada mudaria. Seus maiores receios estavam relacionados com a pesca e a sua expulsão do local. Além desses, foram apontados como causadores de uma piora real em suas vidas, a falta de trabalho e problemas financeiros de um modo geral.

TABELA 13 - Distribuição dos Entrevistados Conforme sua Expectativa de Piora de Vida Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	SIM	NÃO	total
SIM	14	4	18
NÃO	17	17	34
total	31	21	52 *

*** Houve duas abstenções**

O principal veículo de informação dos assuntos referentes ao complexo de Suape para os suapenses foi a televisão e as conversas informais mantidas entre o povo da vila mesmo. Vale salientar que poucos citaram técnicos e funcionários da Empresa Suape como tendo sido os informantes iniciais.

Não houve quase nenhum movimento contra ou a favor do Complexo. O que demonstra uma grande passividade dessa população, podendo ser fruto de repressões ou da própria ignorância. Talvez o movimento mais significativo, por ter sido atendido, foi o da abertura do rio Tatuoca e só foi citado por apenas uma dona de casa.

A maior parte dos entrevistados tem conhecimento de pelo menos uma pessoa que trabalhou na construção do Complexo de Suape, tendo sido dispensado logo após o seu término.

A maioria dos suapenses já havia ouvido falar algo a respeito da Refinaria de Petróleo, o mesmo não se pode dizer da ZPE (Zona de Processamento de Exportação). Ambas foram bastante cogitadas por políticos, comerciantes, industriais e pelo governo junto aos órgãos federais para serem implantadas na área do Complexo de Suape, porém sem nenhum êxito. Novamente, as notícias chegaram aos suapenses por meio de televisão, conversas informais e alguns também citaram o rádio. Vale salientar, no entanto, que os pescadores estavam mais bem informados, mesmo que superficialmente, do que as donas de casa. Foram poucas as que tinham alguma noção do que era uma Refinaria de Petróleo. Apesar disso, foi grande o número de pessoas que disseram que uma Refinaria poderia acarretar numa mudança, na maioria das vezes, negativa de suas vidas. Observou-se através de seus depoimentos que suas expectativas estavam condizentes com os sentimentos de frustrações sentidos com a chegada do Complexo de Suape. Suas maiores preocupações estavam relacionadas com os prejuízos que tais empreendimentos possam vir a causar à pesca, tanto no mar quanto no mangue.

Constatou-se um desejo muito forte entre os suapenses de ainda serem absorvidos como mão-de-obra pelas indústrias implantadas ou que vierem a se implantar no Complexo. Talvez numa tentativa de verem consolidadas as promessas feitas durante a implantação do Complexo, e que só foram cumpridas parcialmente, pois foram empregados na construção e dispensados logo em seguida, deixando-os não só sem emprego, mas também com a pesca comprometida.

5.2. - INTENSIDADE DO IMPACTO

A intensidade do impacto foi avaliada através de questões com respostas numa escala variando de 1 a 5 (ver fig. 1).

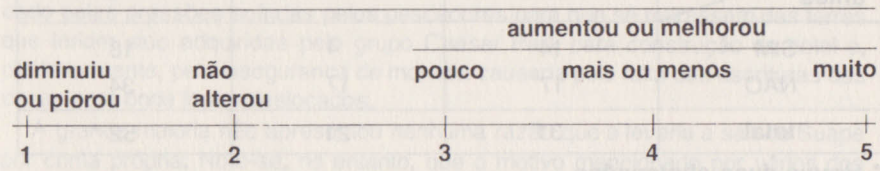


FIGURA 1 - Escala Utilizada na Avaliação da Intensidade do Impacto.

As variáveis submetidas a análise de perfil foram:

- X1 = Condições da Pesca
- X2 = Nível de Vida
- X3 = Condição do Mar para Pesca e Lazer
- X4 = Vigilância Policial
- X5 = Renda Familiar
- X6 = Condição de Vida da Família
- X7 = Criminalidade
- X8 = Saneamento Básico (tratamento de água, esgoto, etc).
- X9 = Número de Habitantes
- X10 = Ofertas de Emprego
- X11 = Atendimento Médico
- X12 = Iluminação
- X13 = Especulação Imobiliária
- X14 = Vias de Acesso à Suape
- X15 = Fluxo de Visitantes
- X16 = Oferta de Transporte

Na análise da intensidade do impacto, recorreremos à comparação dos perfis médios de pescadores e donas de casa.

Através da aplicação da Análise de Perfis foi possível testar três hipóteses consecutivas, cujos resultados serão apresentados a seguir. Para tal, foi necessário excluir duas variáveis a X1 e X7, uma vez que elas apresentaram valores constantes, e 1 e 2 respectivamente, e esse teste não aceita valores constantes.

No entanto, essas duas variáveis foram incluídas no gráfico para serem analisadas qualitativamente.

Primeira Hipótese:

- O perfil das donas de casa é o paralelo ao dos pescadores, ou seja, em média as respostas diferem por uma constante.
- Essa hipótese foi aceita

Segunda Hipótese:

- O perfil das donas de casa coincide com o dos pescadores, ou seja, não existe diferença significativa entre a percepção da intensidade do impacto pelos dois grupos de entrevistados.
- Essa hipótese não foi aceita

Terceira Hipótese:

- O perfil dos entrevistados é horizontal, ou seja, sob qualquer aspecto a percepção da intensidade do impacto é a mesma.
- Esta hipótese foi rejeitada, indicando níveis de modificação diferentes para diferentes aspectos.

Pelo acima exposto, podemos concluir que os dois grupos (dona de casa e pescadores) sentiram o impacto na mesma direção e intensidade, porém o nível da intensidade do impacto difere conforme o item avaliado.

A análise gráfica dos perfis das donas de casa e dos pescadores permite maior clareza sobre os resultados acima obtidos (ver fig. 2)

Intensidade do Impacto Perfis D.Casas e Pescadores

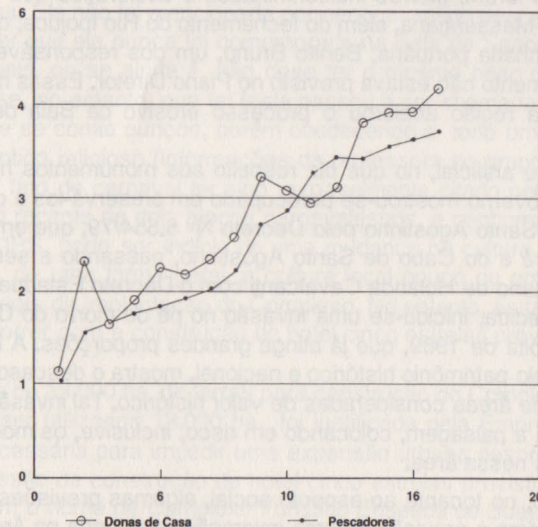


FIGURA 2 - Representação Gráfica da Intensidade do Impacto sob o Ponto de Vista dos Pescadores e das Donas de Casa.

A análise da intensidade do impacto apresentou um interessante percurso, indo dos fatores relacionados aos aspectos pessoais e familiares até os aspectos relativos à infra-estrutura da vila de Suape, indicando que no primeiro caso o impacto foi negativo ou inalterado, enquanto no segundo caso o impacto foi positivo. Apesar de alguns tópicos sofrerem aumento quantitativo e não qualitativo, como no caso do "Fluxo de Visitantes", "Oferta de Transporte" e "Especulação Imobiliária", poderemos inferir pelos depoimentos dos suapenses que para os dois primeiros o impacto foi positivo, enquanto para o último, o impacto foi negativo, uma vez que a aquisição do terreno para a construção do hotel gerou conflitos e ansiedade por parte daqueles que estavam e ainda estão em situações irregulares.

Por outro lado, apesar de no âmbito geral não se ter registrado nenhuma diferença significativa entre o grupo de pescadores e os de donas de casa, constatou-se que enquanto não houve alteração no nível de vida das donas de casa, no dos pescadores sofreu uma piora, o que vem corroborar mais uma vez, as análises realizadas nos tópicos anteriores.

5.3. - CONFRONTO ENTRE OS IMPACTOS PREVISTOS PELO PECCIPS E OS QUE DE FATO OCORRERAM

Observou-se que dentre as previsões levantadas pelos estudos da PECCIPS, as relativas ao aspecto físico foram as que tiveram maior número de confirmações, apesar de que as razões apresentadas não serem necessariamente as constatadas, uma vez que houve algumas mudanças no projeto inicial que havia sido estabelecido no Plano Diretor.

Foi prevista uma desestabilização do ambiente natural que, de fato, ocorreu. As principais causas foram: aterros indiscriminados e acelerados dos mangues, escavações do Rio Massangana, além do fechamento do Rio Ipojuca, que segundo o técnico em engenharia portuária, Benito Bruno, um dos responsáveis pelo Plano Diretor, tal fechamento não estava previsto no Plano Diretor. Essas mudanças nos cursos d'água da região acelerou o processo erosivo da Bafa de Suape (OP, 2/2/90).

Já no ambiente artificial, no que diz respeito aos monumentos históricos e de preservação, o governo mostrou-se preocupado em preservá-los e criou o Parque Metropolitano de Santo Agostinho pelo Decreto Nº 5.554/79, que envolve as vilas de Suape, Nazaré e do Cabo de Santo Agostinho, passando a ser chamado de Parque Metropolitano de Holanda Cavalcanti com o Decreto Estadual Nº 5.765/79. Apesar dessa medida, iniciou-se uma invasão no pé do morro do Cabo de Santo Agostinho, por volta de 1989, que já atinge grandes proporções. A invasão desta área, tombada pelo patrimônio histórico e nacional, mostra o descaso pelo governo na preservação de áreas consideradas de valor histórico. Tal invasão está descaracterizando toda a paisagem, colocando em risco, inclusive, os monumentos históricos existentes nessa área.

Por outro lado, no tocante ao aspecto social, algumas previsões feitas não se concretizaram, como a previsão de uma imigração acentuada na área e a rotatividade da população, ou seja, a substituição da população de pescadores pela de

operário de construção e esta, por sua vez, por uma população de mão-de-obra especializada. No entanto, no primeiro caso, como foi visto anteriormente, o que ocorreu foi justamente o contrário: a emigração da população local a procura de melhores condições de pesca ou de emprego em outras regiões foi maior, enquanto, no segundo caso, o fornecimento de ônibus pelas empresas e indústrias do Complexo para a locomoção de seus empregados deve ter sido a principal razão para a não concentração em massa de trabalhadores nas áreas adquiridas pelo Complexo de Suape.

Da mesma forma, as expectativas da industrialização na cultura de pesca, decorrente principalmente da implantação do terminal pesqueiro, não se materializavam. E se depender do terminal pesqueiro é possível que essa pesca nunca se torne industrializada, pois os investidores japoneses optaram pela Bacia do Pina. Por outro lado, observou-se que a queda na utilização de jangadas, apesar de ela ainda ser a mais utilizada, deve estar associada às condições atuais de pesca na Bafa de Suape, que ficaram bastante prejudicadas com a construção do porto. Pode-se esperar, que, a médio prazo, ou, quem sabe, se vier alguma ajuda de fora, haja uma substituição total de jangadas por barcos a motor, permitindo assim a pesca em alto-mar.

Quanto ao produto da pesca, antes tão abundante que se dava até para parentes e amigos, segundo os estudos da PECCIPS, hoje às vezes, não dá nem para vender. Faz-se necessário, muitas vezes, complementar a renda familiar com outras atividades.

Com relação às festividades, notou-se que a festa de Santa Luzia, santa considerada protetora da boa vista, e que, segundo estudos da PECCIPS, era bastante comemorada, especialmente pelos pescadores, já não parece ter o mesmo impacto que tinha. Ela não foi mencionada por nenhum antigo pescador da vila, o que nos leva a crer que ela nunca foi comemorada na Bafa de Suape, ou, caso tenha sido, não é mais, ou se ainda é, não deve ter o mesmo peso que tinha anteriormente. Sabe-se, no entanto, que tal festa passou a ser chamada de "festa da ouriçada" (por que se comia ouriços, porém obedecendo a todo um ritual), e que perdeu o seu sentido religioso (informações da professora do grupo escolar e nativa de Suape). O fato do carnaval ter sido razoavelmente citado pelos entrevistados, com a criação recente de dois blocos carnavalescos, e nenhuma vez pelos estudos da PECCIPS, pode ser indício de uma mudança na cultura local. Porém, observa-se que, de uma forma geral, a cultura local pouco ou em nada mudou de antes para depois da implantação do Complexo. No entanto, essa mudança é susceptível de ocorrer com a construção do hotel cinco estrelas previsto para o pontal de Suape.

A aquisição de 33.000 ha. de terras para construção do Complexo de Suape, do qual só iriam ser utilizados 13.000 ha., foi justificada pela Empresa Suape como tendo sido necessária para impedir uma expansão urbana desorganizada. No entanto, a permissão da construção do hotel cinco estrelas previsto para o pontal de Suape, que tem o nome de Complexo Turístico Enseada de Suape, foi atribuída ao fato de as terras adquiridas pelos donos do hotel, terem sido privadas, e que por isso não caberia a Suape decidir sobre a sua construção (entrevista com Dr. Jato-

bá, Dez, 1990). Sabe-se, no entanto, que parte das terras a serem utilizadas pelo hotel pertence ao Complexo de Suape, mais precisamente a parte referente a Tiriri (Pires e Filho Advogados Associados, 1990). Esse tipo de raciocínio abre precedentes para utilização das terras particulares para fins outros que não turísticos. Fica difícil conceber um hotel cinco estrelas, mesmo que possua características típicas da região, convivendo lado a lado com uma pacata vila sem ferir a paisagem e a cultura local. A paisagem, como pode ser vista, já até mudou, mesmo antes de sua construção com o deslocamento dos pescadores. E a cultura, valores e estrutura sócio-econômica desse povoado provavelmente sofrerá o impacto direto dele. Resta avaliar se esse impacto será positivo ou negativo. Caso o hotel utilize a vasta mão-de-obra existente em Suape, tanto para a sua construção, como para serem treinados e utilizados em serviços mais especializados, estará contribuindo positivamente para o crescimento econômico do povoado. Caso contrário, contribuirá, ainda mais, para a queda na qualidade de vida da população local. Para não mencionar as previsões negativas levantadas pelo E.I.A. do Complexo Turístico Enseadas de Suape com relação à pesca de mangues (para maiores detalhes ver Pires e Filho Advogados Associados, 1990). Esse aumento na especulação imobiliária no local já havia sido previsto nos estudos da PECCIPS.

A continuidade das obras de construção do Complexo por duas décadas, dando emprego contínuo para os operários de construção, como havia sido previsto, não ocorreu. A crise econômica, que tem assolado o País em geral e o Estado de Pernambuco em particular, deve ter contribuído para a não concretização desse quadro.

Vale frisar que tais resultados são passíveis de modificação, caso esse confronto seja realizado após a consolidação completa do Complexo.

5.4. - IMPACTO DO COMPLEXO DE SUAPE SOB A ÓTICA DA TEORIA DO "ENVIRONMENTAL ROLE"

À luz da teoria de "Environmental Role" proposto por Canter (1977), esperava-se que grupos sociais distintos, no caso pescadores e donas de casa, avaliassem diferentemente o impacto causado pela implantação do Complexo de Suape. Entretanto, os resultados, no geral, não foram muito favoráveis a essa teoria. A explicação pode estar no fato de que as áreas estudadas não permitiam uma avaliação muito pessoal, pois muitas das perguntas eram descritivas e informativas, e foram poucas as questões perceptivas. Essas últimas seriam os tipos de questões que dariam margem para as pessoas exporem seus pontos de vistas, o que poderia acarretar diferenças significativas ou não. Os depoimentos dos dois grupos mostraram-se muito semelhantes, o que vem caracterizar uma situação como tendo ocorrido de fato. Um outro fato que teria contribuído para uma não diferença acentuada na visão dos dois grupos é que, ao contrário das donas de casa, os pescadores se mostraram mais ativos, informados e com opiniões próprias. Algumas donas de casa, por outro lado, se mostraram passivas, sem opiniões próprias formadas e mais ignorantes em certos aspectos, e, dessa forma, mais vulneráveis a expressarem o que ouviam falar do que as suas opiniões pessoais. Isso, no caso

de uma vila pequena como Suape pode surtir algum efeito, porque as informações podem passar de "boca em boca". O fato de a vila ter uma população originária de pescadores e estes, por sua vez, serem um grupo bastante ativo dentro da população total, pode induzir os demais a pensarem como eles, o que contribuiria para uma unificação da percepção global dos suapenses.

Entretanto, as poucas diferenças significativas encontradas estavam relacionadas à poluição sonora, onde apenas poucas donas de casa citaram a existência de algum ruído, tanto antes quanto depois da construção do Complexo, não tendo sido citado por nenhum pescador. Talvez, por eles passarem a maior parte do tempo em alto-mar, esses sons pudessem passar despercebidos. A ida à praia, como a fonte de lazer, foi bem mais citada pelas donas de casa do que pelos pescadores, nas duas ocasiões. Isso pode revelar que possivelmente os pescadores não vêem a praia como opção de lazer, mas como uma opção de trabalho. Além dessas duas constatações, diferenças significativas foram encontradas, tanto com relação às expectativas de melhora como de piora de vida para os dois grupos (ver Tabelas 14 e 15). Em ambos os casos os pescadores apresentaram uma visão mais pessimista da situação. Ao contrário das donas de casa, suas rendas foram

TABELA 14 - Percentagem de Pescadores e Donas de Casa Conforme a Expectativa de Melhora de Vida Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

antes \ depois	ANTES (%)		DEPOIS (%)	
	PESC.	D. DE CASA	PESC.	D. DE CASA
SIM	69,6	76,7	8,3	46,7
NÃO	30,4	23,3	91,7	53,3
total	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 15 - Percentagem de Pescadores e Donas de Casa Conforme sua Expectativa de Piora de Vida Antes e Depois da Implantação do Complexo de Suape.

EXPECTATIVA DE PIORA	ANTES (%)		DEPOIS (%)	
	PESC.	D. DE CASA	PESC.	D. DE CASA
SIM	31,8	36,7	91,7	36,7
NÃO	68,2	63,3	8,3	63,3
total	100,0	100,0	100,0	100,0

as mais afetadas negativamente com a construção do Complexo. Porém, as diferenças encontradas só se referem ao período pós-implantação, um vez que no período pré-implantação, a grande maioria esperava que o Complexo iria trazer empregos e riquezas para a região. Ao serem questionados a respeito do que seria uma Refinaria de Petróleo, ao contrário das donas de casa, um maior número de pescadores mostraram ter alguma noção do que seria uma Refinaria, mesmo que simples. E talvez por essa razão, um maior número deles opinou que era provável que ocorresse uma mudança em suas vidas devido, principalmente, ao prejuízo que ela pode trazer para a pesca.

Seria interessante a realização de uma pesquisa enfocando apenas questões perceptivas que dessem uma grande margem de chance para os grupos com papéis ambientais distintos expressarem seus pontos de vista, suas opiniões pessoais com relação à chegada do Complexo de Suape, fazendo, inclusive, uma seleção mais rígida dos sujeitos a serem entrevistados. O fato de terem sido incorporados alguns sujeitos que exercessem alguma atividade complementar, algum bico, deve ter contribuído para mascarar, de certa forma, os resultados de algumas áreas de interesse da presente pesquisa. Por outro lado, em se tratando de uma vila pequena, como no caso de Suape, é difícil encontrar um grupo relativamente significativo que se dedique exclusivamente a uma única atividade.

5.5. Geograficamente falando, era de supor que o impacto teria sido maior, caso a vila de Suape se localizasse mais próxima da área industrial. No entanto, ela fica separada desta por uma ilha (Cocaia) e dois rios (Tatuoca e Massangana), servindo, de certa forma, de escudo contra a poluição sonora e aérea. Seria bastante interessante fazer um estudo com uma comunidade de outra vila situada mais próxima da área industrial, para observarmos em que outras áreas a construção do Complexo teve influência e se essa interferência foi positiva ou negativa.

5.6. Observa-se que situações de implantação de qualquer projeto que venha a interferir no ambiente físico e social geram opiniões controversas por parte da população em geral. Caberia a algum profissional da área social fazer um levantamento dessas opiniões e procurar, junto a algumas entidades, listar quais seriam as maneiras mais práticas de evitar qualquer interferência que pudesse vir a ser negativa nessas áreas ou, caso elas sejam inevitáveis, se discutir com os interessados de um modo geral e as comunidades que fosse sofrer o impacto direto ou indireto da implantação, as formas de redimir os prejuízos que viessem a ocorrer. Paralelamente seria feita uma análise das necessidades e anseios das populações que seriam afetadas direta ou indiretamente, como também das necessidades, em termos de infra-estrutura, dessas vilas. Dessa forma, os prejuízos causados seriam automaticamente diminuídos, uma vez que outras alternativas ou melhoramentos fossem oferecidos em troca. Isso parece se aplicar em pequenas causas, como no caso do prejuízo na pesca enfrentado pelos pescadores de Suape que pescam dentro da bafa, ao qual segundo Dr. Jatobá (Departamento de Assessoria Técnica) não foi dada importância por se tratar de uma população insignificante de pescadores. Se fossem dados a eles barcos a motor para que tivessem condi-

ções de continuar a pescar depois dos diques, o impacto nas suas rendas e, conseqüentemente, nos seus níveis de vida, não teria sido tão brusco e possivelmente eles não estariam tão insatisfeitos com a implantação do Complexo, como estão. Talvez fosse necessário conscientizar os empresários e industriais que possuísem algum empreendimento instalado ou em fase de instalação no Complexo da disponibilidade de mão-de-obra local, e que fosse dada prioridade às populações mais próximas ao Complexo e que tenham de alguma forma, sofrido algum tipo de influência negativa. Poderia também ser incentivado um intercâmbio entre essas empresas/indústrias e os pescadores, no sentido de esses últimos ficarem encarregados de fornecer peixes, crustáceos, etc, para a refeição de seus empregados. Essa seria uma forma de ativar a comercialização dos pescadores tanto do mar quanto dos mangues. Para que não se crie nenhum favoritismo, seria interessante a criação ou reativação da Cooperativa dos Pescadores, onde cada pescador fornecesse uma porcentagem da quantidade total solicitada por essas indústrias. Se todas entrassem nesse acordo, seria possível até consumir toda a produção diária desses pescadores. Outra forma de suprir as deficiências causadas pela implantação do Complexo era incentivar a cultura de subsistência e a criação de pequenos animais, podendo, inclusive, ser criado um intercâmbio com as indústrias/empresas do Complexo, com o fornecimento diário para abastecimento de seus refeitórios. No que tange à infra-estrutura, se poderia dar prioridade às necessidades básicas: luz, água, tratamento de esgoto, construção de instalações sanitárias etc. Desta forma, a comunidade não iria se sentir tão prejudicada, pois teria a sensação de que ela estava tendo compensações.

Poder-se-ia ainda sugerir algumas formas de criação de empregos alternativos para a população suapense, ao ampliar as instalações do Posto de Saúde, oferecendo uma maternidade. Isso exigiria um maior número de faxineiras, atendentes, auxiliares de enfermagem etc. Oferecer cursos profissionalizantes no grupo escolar já existente, em convênio com as empresas e indústrias do Complexo, a fim de criar uma mão-de-obra especializada, pronta a ser integrada no quadro de funcionários dessas indústrias. Apesar da existência de uma escola do SENAI, parece não existir maior divulgação da mesma. Talvez fosse mais interessante, além de ser um forma de criar mais empregos, aproveitar-se a infra-estrutura já existente, levando os cursos profissionalizantes para as escolas dos locais, vilas ou cidades afetadas. Essas sugestões decerto não resolveriam o problema de toda a população suapense, mas, no mínimo, seria dada oportunidades de empregos alternativos para aqueles que não têm nenhuma perspectiva futura de reconstrução de suas vidas.

6 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ANDRADE, B. Sistemática Operacional do Programa Ecológico e Cultural do Complexo Industrial-Portuário de Suape. **Comunicação Técnica Nº 10**, 1977

- ANDRADE, B.; Gouveia, I. C. e Gomes, J. F. Alojamentos e Núcleos Residenciais. **Comunicação Técnica Nº 4**, SEPLAN/CONDEPE/, 1978.
- BRAGA, R. A. P. et al. Avaliação de Impactos Ambientais nas Zona Estuarina de Pernambuco. Relatório 1: **Avaliação de Impacto Ambiental na Zona Estuarina de Suape**. Universidade Federal de Pernambuco; Laboratório de Ecologia do Departamento de Biologia Geral, 1989.
- CANTER - D.; GILCHRIST et al. in CANTER, D e LEE, T. (eds) **Psychology and the Built Environment**. London: Architectural Press, 1974.
- CANTER, D. **"The Psychology of Place"**, London: Architectural Press, 1977.
- CANTER, D. e CANTER, S. "Creating Therapeutic Environments" in Canter, D. e Canter S. (eds) **Designing for Therapeutic Environments: A Review of Research** Chichester: Wiley, pp 333-341, 1979a.
- CANTER, D., AMBROSE, I., BROWN, J., COMBER, M. e HIRSCH A. **"Prison design and Use Study: Final Report"**. Departamento do Psychology, University of Surrey, 1980.
- CANTER, D. e REES, C. "A Multivariate Model of Housing Satisfaction". **International Review of Applied Psychology**, 31, 185-208, 1982.
- CANTER, D. "Putting Situations in their place: Foundations for a Bridge between Social and Environmental Psychology" in Furnham, A. (eds) **Social Behaviour in Context**. London: Allyn and Bacon, 1983.
- CANTER, D. "The Purposive Evaluation of Places - A Facet Approach" **Environment and Behavior**, Vol. 15, Nº 6, 659-698, Sage Publications, Insc. 1984.
- CANTER, D. e COMBER, M. "A Multivariate Approach to Multiple Sorting" in **Sequence Analysis: Surrey Conferences on Sociological Theory and Method**, 2, 23-24, Aldershot: Gower, 1985.
- CAVALCANTI, A. H. "Contribuição ao Plano Diretor do Parque de Santo Agostinho e dos Povoados de Gaibu e Suape", **Comunicação Técnica Nº 6**, SEPLAN/CONDEPE, 1978.
- CAVALCANTI, A. H., GOUVEIA, I. J. K.; MELO, J. A. S. e GONÇALVES, H. "Suape, Ecologia e Cultura", **Revista Brasileira de Planejamento**, 9/10, 18-24, Set./Dez., 1979.
- "Complexo Portuário-Industrial de Suape", Folder Informativo, 1979.
- DELVLIN, K. e NASAR J. L. "The Beauty and the Beast: Some Preliminary Comparisons of "High" versus "Popular" Residential Architecture and Public versus Architect Judgment of Same" **Journal of Environmental Psychology**, 9, 333-344, 1989.
- FORNAZARO, A. et al "Restauração e Reflorestamento das áreas de preservação de Suape - Problemática Atual", **Informe Técnico Nº 29**, 1979.
- GOUVEIA, I. C. "Problemática Urbana para Implantação do Complexo Industrial-portuário de Suape - Subsídios para um Plano de Trabalho", **Informe Técnico, 14**. SEPLAN/CONDEPE
- GROAT, L. e CANTER, D. "Does Post-Modernism Communicate?" no **Progressive Architecture**, 12, 84-87, 1979.
- GROAT, L. "Meaning in Post-Modernism Architecture: An Examination Using the

Multiple Sorting Task" **Journal of Environmental Psychology**, 2, 3-22, 1982.

- JOHNSON, Marty. **"Development and Ecology in the Northeast: Projeto Suape"**, 24 p, 1980.
- Jornal Diário de Pernambuco, (vários números), 1974-1990
- Jornal do Geólogo, Órgão do Núcleo São Paulo da Sociedade Brasileira de Geologia. Política das Grandes Obras. "O Complexo de Suape - Um Histórico -1979"; apud M. Johnson, **Development and Ecology in the Northeast Projeto Suape**, 1980.
- KENNY, C. e CANTER, D. "A facet Structure for Nurses" evaluations of Ward designs". **Journal of Occupational Psychology**, 54, 93-108, 1989.
- MELO FILHO, J. A. S. "Impacto Ambiental da Implantação de Complexos Industriais", **Revista Pernambucana de Desenvolvimento**. Recife, 5 (1): 77-91, 1978.
- MELO, R. G. C. **"A Comparison of English and Brazilian Housing Preferences in Relation to the Prototypicality Hypothesis"**. University of Surrey (não publicada), 1987.
- MONOSOWSKI, E. "Avaliação do Impacto Ambiental: Perspectivas de Aplicação nos Países em Desenvolvimento" **SINOPSES 9**, 64-87, 1986.
- MOREIRA, I. V. D. **"Avaliação de Impactos Ambiental - AIA"**, assessoria técnica da presidência - FEEMA, 1985.
- MOREIRA, I. L. "A Problemática da Construção do Complexo Industrial e Portuário de Suape e sua Repercussão sobre a Pesca Artesanal Local", **Texto para Discussão Nº 193**, 1988.
- MOTTA, R. "O Povoado de Suape: Economia, Sociedade e Atitudes", **Comunicação Técnica 7**, SEPLAN/CONDEPE, 1978.
- "O Complexo Industrial-Portuário de Suape"**, Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial Encarregado do Exame do Projeto, 1977.
- PIRES e FILHO, Advogados Associados. **"Estudos de Impacto Ambiental (E.I.A.) do Complexo Turfstico Enseadas de Suape"**, vol. 1, 1990.
- "Resolução do CONAMA, Nº 001"**, publicado no D.O.U. de 17/2/86.
- SOBRINHO, J. R. "Estudos Antropológicos do Aglomerado de Suape", **Informe Técnico Nº 21**, 1978.
- "Suape: Da Idéia de um Porto Surge um Complexo Industrial"** Nº 2, 1978.
- "Suape - Complexo Industrial Portuário: Investimentos Privados em Suape"**, ASTEC, 1990.
- "Suape: Um Novo Marco na História de Pernambuco"**, Relatório da Administração - 1983/86.